

O coronavírus e a população negra da periferia de Salvador

Sandro dos Santos Correia
Regina Marques de Souza Oliveira

O objetivo desse texto é abordar a periferia, esse lugar marcado no Brasil, por questões ligadas a pouca valia ou nenhuma preocupação por parte do Estado, por que essa zona abriga a parcela menos solvável da população. No Covid-19 esta circunstância é exponencialmente elevada.

Para pensarmos sobre o espaço geográfico da periferia refletimos sobre aspectos da vida e da saúde: há muito tempo, cerca de 8 a 10 anos, quando tínhamos algum problema de saúde e íamos ao médico o diagnóstico sempre girava em torno de uma resposta: Virose! Esse era o resultado de sempre, dito pelos profissionais de saúde.

Esse período da covid-19 e do Coronavírus, fez lembrar dessa problemática e uma pergunta surge, será que esse vírus já não existia? Esse super vírus! Uma produção que girava em torno de um conjunto de vírus, será? Pergunta importante para que possamos compreender o atual momento e a complexidade dos impactos nessa epidemia e em um curto período de tempo se expandiu para uma pandemia.

A partir do momento em que extrapolou as fronteiras, veio uma indagação sobre o papel do território na compreensão desse atual fenômeno que tem tirado a vida de várias pessoas em todo o mundo.

As diversas especulações giram em torno de que esse vírus foi detectado primeiro na China, especificamente na localidade de Wuhan, com a suspeita de que animais como o morcego e o pangolim seriam os transmissores.

Uma outra especulação foi levantada de que seria produzido em laboratório para impactar várias nações, principalmente, as potências internacionais, pois afeta o sistema respiratório deixando vários óbitos em uma grande velocidade.

Existiu outra conjectura em que afirmava que o vírus foi produzido pela natureza, não sendo uma produção artificial e que o problema, viria das relações de higiene em um mercado que vendia animais vivos, nessa cidade da República Popular Chinesa.

Independente da origem, os impactos causados são profundos e quando enumeramos as mortes nos Estados Unidos, na Itália, na Espanha, em Portugal, no Brasil e em outros países, nos revela os impactos dessa doença.

A periferia inscreve-se neste contexto do mundo como epicentros da crise do Corona fortemente nas zonas marginalizadas do mundo, nos espaços de precária cidadania e direitos.

Além disso, o conflito da Superpotência Estadunidense com a Organização Mundial da Saúde (OMS) revela o limite institucional que se apresenta e o despreparo de alguns governantes em entender e equacionar a problemática pandêmica.

Essa situação impactou várias outras a começar pelos respiradores que se mostraram fundamentais para a recuperação das pessoas infectadas. Esses equipamentos são produzidos em larga escala pela China criando uma grande demanda para a indústria chinesa, inclusive com disputa entre países na busca dos mesmos.

Outros conflitos foram gerados entre cientistas e políticos, capitalistas e comunistas que frente ao novo desafio começaram a questionar a influência da ideologia nas políticas públicas de saúde pública.

Especificamente no Brasil, criou-se conflito entre governantes, prefeitos e governadores, ministros e presidente, todos discutindo em torno de soluções viáveis, que, não havendo um medicamento ou uma vacina revelou a fragilidade de grupos humanos e em um grupo de *Whatsapp* houve um profundo questionamento, como uma forma inferior de vida, um vírus, pode nos afetar de forma tão letal.

Um dos povos africanos, os egípcios (A.C) já sabiam o que era um vírus e os seus perigos e a humanidade, em pleno século XXI ainda não consegue deter ou enfrentar com facilidade, mesmo com todo avanço científico e tecnológico da atualidade.

Apesar dos dias atuais serem incertos, os africanos criaram muitas metodologias e tecnologias de tratamento pautadas na experiência e no exercício da comunidade com eficácia no controle de situações catastróficas.

Um desses exemplos é o isolamento social, e é justamente uma dificuldade em razão da economia e tem sido um desafio, principalmente em uma poupança neoliberal ao revelar que os sistemas de saúde não têm capacidade de suporte para tantos infectados.

Esse freio na circulação e a necessidade do distanciamento são os procedimentos mais eficazes gerando novos comportamentos como o “fique em casa” gerando a

explosão de *lives*, fragmentando a presença, tudo parou, todo o comércio fechou com medo do inimigo comum.

Essa incerteza do amanhã tem acionado as religiões e as profecias que revelam cosmovisões e aprofundam intolerâncias religiosas e culturais, tudo está se transformando definitivamente no mundo que sofre influência muito grande dos símbolos e signos.

Todo o planeta parou em torno dessa pandemia, o meio rural, o meio urbano, as cidades, as metrópoles, as capitais, todos pararam, toda a velocidade do consumo foi anestesiada e barrada.

O petróleo, o ouro negro, foi impactado, pois a circulação diminuiu fluidez, influenciou o preço do barril, causou crise de empresas aéreas, a exemplo da Air France, na França e da Avianca no Brasil.

Todo esse conflito intensificou a relação entre centro e periferia trazendo a proximidade da barbárie e da morte, presente de forma mais evidente nas redondezas que concentram uma grande camada da população negra, indígena e não caucasóide para o centro das discussões. (CORREIA, 2019).

Essa população é vulnerável e o lugar onde a mesma habita estão os Terreiros de Candomblé, os centros espíritas, a atuação das rezadeiras e os tratamentos alternativos de saúde, mas, sem querer afirmar, este momento é muito delicado e propício para redefinições e reorganizações.

Na cidade de Salvador, por exemplo, os primeiros casos confirmados foram no bairro da Pituba, no Caminho das Árvores, todos localizados em áreas centrais, vindo, depois para a periferia, sendo a Liberdade, um desses bairros periféricos que teve notificações.

Os moradores dos bairros nobres e do centro tem acesso a distribuição equitativa de equipamentos públicos. Enquanto os moradores da periferia têm desigual prestação de serviços públicos dos postos de saúde aos hospitais, além de acesso deficitário a medicamentos por meio das farmácias.

O próprio saneamento básico revela baixa cobertura por insuficiência do esgotamento sanitário e da coleta pública de lixo e o seu tratamento terem um grande saldo negativo. Como enfrentar um vírus, se a periferia possui uma conjuntura favorável para a sua proliferação, por razões estruturantes, que se dá também pelo fornecimento de água deficitário?

A fragilidade de transporte público, saneamento básico, que favorece aglomerações, águas paradas que fortalecem as mazelas da dengue, bem como problemas como a microcefalia, são alguns dos impactos intensos da urbanização deficiente na periferia.

Esse mal estar no desenvolvimento da periferia continua porque as condições de vida e saúde seguem precárias e organizadas em um sistema que é regulado pela escassez e pela divisão de classes sociais.

As condições geográficas da periferia são favoráveis para o descaso público colaborando para o adoecimento em razão da ausência de políticas públicas que não enfrentam as desigualdades do espaço geográfico (CORREIA, 2019).

O Estado Neoliberal agrava essa crise com o alto índice de desemprego e pela débil política de transferência de renda do Estado Brasileiro confirmada nos vários escândalos do auxílio emergencial promovido pela Caixa Econômica Federal.

As condições relatadas acima potencializam e demonstram a fragilidade do espaço periférico da cidade, no qual as pessoas foram historicamente submetidas à exclusão e a subalternização da vida.

Isso mostra que ao pensarmos que esta delimitação espacial forjada com características de urbanização incompleta com a insuficiência da prestação dos serviços, há uma potencialização da desigualdade.

Esse cenário desolador também aponta respostas positivas frente a experiências populares que sinalizam solidariedades como o surgimento de pontos de lavagem de mãos e de distribuição de álcool gel com iniciativas do movimento popular com parcerias empresariais.

Esses exemplos já aparecem no período de pré pandemia como a juventude negra e magrebina realizou o antídoto de sua anomia nas periferias parisienses em 2005, revelando ao mundo a ironia da desigualdade extrema na República Francesa (MARQUES OLIVEIRA, 2008), as populações negras, indígenas e não brancas estão protagonizando a diferença no enfrentamento do SARS-CoV-2 por vias opostas ao Neoliberalismo e ao Capitalismo.

A lição que essas populações negras nos ensinam é a revelação da solidariedade existente na territorialidade da periferia da cidade, marca do povo negro em seu milenar percurso de enfrentamentos pelo espaço geográfico do mundo, é uma das alternativas que garantem a possibilidade de atendimento desses cidadãos e cidadãs historicamente excluídos do processo de desenvolvimento.

O protagonismo negro, mesmo em meio a morte maciça da maioria de seus filhos, diante da pandemia do coronavírus e do descaso público corporificado nas covas em que são enterrados, explicita, como a juventude negra nos espaços periféricos segregados da cidade e do urbano, nas capitais e metrópoles brasileiras está enfrentando (OLIVEIRA, 2016), o desprezo e a ironia do Estado.

Mas isto, embora seja um problema para as elites e o Estado brasileiro, é antes o clamor e convocação (obrigação) de todos e todas a uma mudança de postura de planejamento nas políticas públicas de inclusão.

Convocação obrigatória que vem dos cantos dos de baixo, da base, dos pobres, das “senzalas contemporâneas”, dos levantes negros, das periferias e quilombos, população negra periférica que não se cala! E manda recado forte, e assume as regras de sua própria sorte! (MARQUES OLIVEIRA, 2019).

No atual momento em que os óbitos se multiplicam em progressão geométrica o desespero e a dor são extremas. Contudo, a esperança se renova por meio da solidariedade na periferia para construirmos dias melhores que têm a resistência como um grande farol nas mudanças dessas relações desiguais no mundo.

Referências

CORREIA, Sandro dos Santos. *Celebrações da liberdade: Candomblé e desenvolvimento humano no território de Cachoeira/BA*. (Tese de doutorado). Universidade Católica de Salvador, 2019.

OLIVEIRA, Regina Marques de Souza. *A identidade de jovens negros nas metrópoles urbanas: recortes entre Paris e São Paulo*. (Tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

OLIVEIRA, Regina Marques de Souza. *Pedagogias, psicologias e tecnologias em quilombos: conquistas e novos desafios*. Cruz das Almas: EDUFRB, 2019.

OLIVEIRA, Reinaldo José de. *Territorialidade negra e segregação racial na cidade de São Paulo – a luta por cidadania no século XX*. São Paulo: Alameda, 2016.